

Arquitetura de uma fazenda “inglesa” no interior paulista: o caso da Companhia Agrícola do Rio Tibiriça, Gália (SP)

*Architecture of an “English” farm in the hinterland of São Paulo: the case of Companhia
Agrícola do Rio Tibiriça, Gália (SP)*

*Arquitectura de una hacienda “inglesa” en el interior de São Paulo: el caso de la
Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, Gália (SP)*

Vladimir Benincasa

Professor Doutor, UNESP, Brasil
vladimir.benincasa@unesp.br

Ana Paula Farah

Professora Doutora, PUCCAMP, Brasil
ana.farah@puc-campinas.edu.br

RESUMO

O trabalho trata da arquitetura da Fazenda São João de Tibiriçá, antiga Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, ou Companhia Inglesa, como ficou conhecida na região, uma empresa agrícola de capital inglês voltada, primordialmente, para a cafeicultura, mas que também desenvolveu outras atividades agropecuárias, estabelecida em Gália, SP, entre 1927 e 1956, em terras adquiridas de antiga fazenda cafeeira. Nesse processo, remodela-se quase todo o conjunto arquitetônico preexistente, adaptando-o aos interesses dos ingleses e a seu tipo de administração. A arquitetura aí produzida possui características da arquitetura construída por ingleses em suas colônias tropicais, que utilizava princípios higienistas, materiais industrializados, mas também conservava certos equipamentos tradicionais ingleses, como a existência de lareiras em determinados cômodos. Foram feitos levantamentos métrico e fotográfico no local, documentando as edificações remanescentes, além de entrevistas com os atuais moradores e levantamento de dados em arquivos do município, além de leitura de trabalhos correlatos. O modo de administração mais complexo, com maior divisão hierárquica que em outras fazendas, gerou uma implantação e arquiteturas diferenciadas daquelas que existiam comumente no meio rural paulista, que até hoje, passados tantas décadas da extinção da Companhia, ainda faz parte da memória coletiva regional como algo diferenciado.

PALAVRAS-CHAVE: Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá. Arquitetura rural paulista. Arquitetura colonial inglesa.

ABSTRACT

The paper deals with the architecture of Fazenda São João de Tibiriçá, former Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, or English Company, as it became known in the region, an agricultural company with English capital, primarily focused on coffee farming, but which also developed other agricultural activities, established in Gália, SP, between 1927 and 1956, on land acquired from an old coffee farm. In this process, almost the entire pre-existing architectural complex is remodeled, adapting it to the interests of the English and to their type of administration. The architecture produced there has characteristics of the architecture built by the English in their tropical colonies, which used hygienist principles, industrialized materials, but also preserved certain traditional English equipment, such as the existence of fireplaces in certain rooms. Metric and photographic surveys were carried out on site, documenting the remaining buildings, in addition to interviews with current residents and data collection in the municipality's archives, in addition to reading related works. The more complex mode of administration, with a higher hierarchical division than in other farms, generated an implantation and differentiated architectures from those that existed commonly in rural São Paulo, which until today, after so many decades of the Company's extinction, is still part of the regional collective memory as something different.

KEYWORDS: Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá. São Paulo rural architecture. English colonial architecture.

RESÚMEN

El texto trata de la arquitectura de la Hacienda São João de Tibiriçá, ex "Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá" o Companhia Inglesa, como se dio a conocer en la región, una empresa agrícola con capital inglés, centrada principalmente en la producción de café, pero que también desarrolló otras actividades agrícolas, establecida en Gália, SP, entre 1927 y 1956, en tierras adquiridas de una antigua finca cafetera. En este proceso, casi todo el complejo arquitectónico preexistente se remodela, adaptándolo a los intereses de los ingleses y a su tipo de administración. La arquitectura producida allí tiene características de la arquitectura construida por los ingleses en sus colonias tropicales, que utilizaban principios higienistas, materiales industrializados, pero también conservaban ciertos equipos tradicionales ingleses, como la existencia de chimeneas en ciertas habitaciones. Se realizaron encuestas métricas y fotográficas en el sitio, documentando los edificios restantes, además de entrevistas con los residentes actuales y la recopilación de datos en los archivos de la municipalidad, además de leer trabajos relacionados. El modo de administración más complejo, con una división jerárquica más alta que en otras haciendas, generó una implantación y arquitecturas diferenciadas de las que existían comúnmente en las zonas rurales de São Paulo, que, hasta hoy, después de tantas décadas de extinción de la Compañía, todavía forma parte de la memoria colectiva regional, como algo diferente.

PALABRAS CLAVE: Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá. Arquitectura rural de São Paulo. Arquitectura colonial inglesa.

A OCUPAÇÃO DAS TERRAS DO OESTE PAULISTA: FERROVIAS E CAFEZAIS

No início do século XX, quase metade do território paulista ainda não fora explorado pela agricultura. Porém, o interesse por essas terras virgens era imenso, e não tardaria sua invasão por pessoas de várias partes do mundo, motivadas pelo avanço da cafeicultura e, principalmente, das ferrovias. Algo inédito ocorria em São Paulo: a corrida pelo desbravamento de terras pelas companhias ferroviárias, que anteviam sua ocupação por cafezais, ao contrário do que ocorrera até o final do século XIX, quando a ferrovia fora implantada em regiões já povoadas (MATOS, 1990, p. 119).

Rapidamente, essas novas regiões foram desmatadas, povoadas, e cobertas por extensos cafezais, cujo maior pico de produção ocorreu entre 1934 e 1935, em plena crise dessa lavoura. Essa altíssima produção fora incentivada pelos altos preços de 1928, às vésperas da quebra da economia mundial (MILLIET, 1982, p. 55).

Os índices de produção dessas novas frentes pioneiras, rapidamente, desbancaram os da Paulista e da Mogiana: os municípios da Araraquarense, da Alta Sorocabana e da Noroeste, e posteriormente da Alta Paulista, sucediam-se, ano após ano, como maiores produtores mundiais de café. Para se ter uma ideia da alta produtividade, entre 1886 e 1920, a produção paulista decuplicou, e tornou a decuplicar nos quinze anos seguintes, com a conquista desses sertões. A população, atraída pelo surto de desenvolvimento, crescia ao mesmo ritmo.

Abria-se assim, para o cafeicultor, uma vasta região já servida pela ferrovia, embora com solos não tão bons como a terra roxa, que dera fama mundial a São Paulo. Apesar de menos férteis, essas terras davam colheitas que, à época, se mostravam vantajosas – cerca de 100 arrobas por cada mil cafeeiros – ou seja, o dobro da produção das terras roxas cansadas e mais de três vezes do que a região de Campinas ou o Vale do Paraíba, então produzindo médias inferiores a 30 arrobas por mil pés (MATOS, 1990, p. 55).

A ferrovia nessas “zonas novas”, também despertou o interesse do capital estrangeiro. Companhias agrícolas foram montadas, geralmente com capital europeu, operando em várias regiões do Estado de São Paulo, inclusive nas fronteiras agrícolas, como na Araraquarense, na Noroeste, na Alta Paulista e na Alta Sorocabana, promovendo a demarcação e o loteamento de terras, além de constituírem elas próprias grandes fazendas de café.

Este trabalho trata de um desses empreendimentos, situado na cidade de Gália, na Alta Paulista, a Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, ou, como ficou conhecida, a Companhia Inglesa. Para o trabalho, foram feitas visitas ao local, para levantamento métrico e fotográfico, consultas a trabalhos correlatos e à documentação existente em arquivos públicos da cidade, além de entrevistas com moradores atuais.

A COMPANHIA AGRÍCOLA DO RIO TIBIRIÇÁ, OU COMPANHIA INGLESA

A Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, cujo nome atual é fazenda São João do Tibiriçá, foi o braço nacional da companhia londrina *Brasil Warrant*, constituída em 1924 exatamente para abrir um grande empreendimento cafeicultor em São Paulo (CARVALHO, 2016). Ela diferia de outras fazendas paulistas por vários fatores. Primeiro, a forma de gerenciamento, que desvinculava a figura do proprietário, ou proprietários, da empresa rural em si, uma vez que ela era gerida por profissionais contratados para essa função, em moldes muito mais próximos do capitalismo moderno: assim, desaparecia a figura do fazendeiro, ou do administrador, ligados à maneira tradicional de gerenciamento de fazendas que persistia no Brasil. E, segundo, pelo apelo e fascínio que exerciam em seus trabalhadores por certas regalias trabalhistas, inexistentes na maioria das outras propriedades rurais, como o direito a férias e prêmios por produtividade, ou os vários atrativos referentes ao lazer, como cinema, teatro, clube social e esportivo, além de uma infraestrutura de serviços muito bem montada, a qual ele não encontraria em outras propriedades rurais, ou mesmo em algumas cidades, composta por: escola, comércio local, assistência médica e odontológica, correio...

Logicamente, todos esses benefícios vinham acompanhados de regras de conduta e exigências de produtividade e ordem que deveriam ser seguidas à risca, sob pena de dispensa sumária e perda de todas essas “conquistas”.¹ Ou seja, embora permanecessem traços do antigo regime de colonato, havia algumas conquistas que já contemplavam o trabalhador urbano, e isso era visto pelos funcionários da Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá como grande vantagem, pois a legislação brasileira ainda não lhes assegurava tais benefícios.²

A dualidade trabalho-diversão, disciplina e lazer, está presente na memória daqueles que viveram na Companhia na época de fausto. No relato a seguir, do Sr. Francisco José de Souza, ex-colono, isso fica claro:

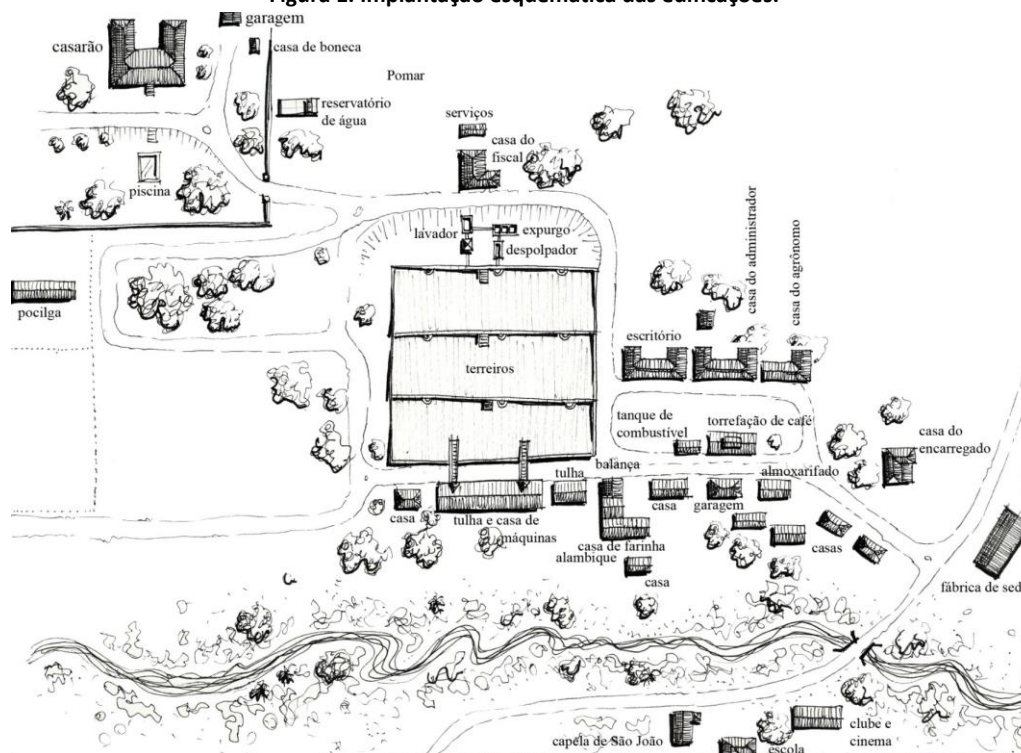
Então, naquela época nós mudamos para a Companhia. Era 1933 ou 34, não sei! Mas foi o melhor lugar onde já moramos. Antes nós morávamos em outras fazendas, mas lá era só trabalho. Não que na Companhia nós não trabalhássemos. Lá a gente trabalhava até mais! Só que valia a pena! É que lá tinha tanto divertimento, tanta vida! Só que, como nada era de graça, nós trabalhávamos mais para ter dinheiro para a festa, para o cinema, para o teatro. Nós nos esforçávamos para colher mais alqueires de café, porque os ingleses diziam que “vagabundo” não tinha lugar na Companhia. Então, nós batíamos o pé para poder satisfazer aos ingleses (UZAI, 1996, p. 35).

¹ A esse sistema, aderiram não só grandes companhias cafeeiras, mas também, e talvez sejam até mais representativas desse modelo, em território paulista, as grandes usinas de açúcar, como a Tamoio, de Araraquara. Em geral, elas perduraram até o início das novas leis trabalhistas rurais, que ocasionou o grande êxodo rural a partir da década de 1960.

² Para maior detalhamento do sistema de trabalho nessa propriedade ver: UZAI, M. N. *O Fascínio de um Sonho Inglês nos Trópicos*. Marília: FFC-Unesp (monografia de bacharelado), 1996.

O conjunto arquitetônico dessas companhias agrícolas foi reformulado e adaptado ao novo modo de gerenciamento, que mesclava o modelo capitalista ao sistema de trabalho usado no Brasil desde o século anterior. A complexidade desse empreendimento, por atender a uma lógica de organização distinta da de uma fazenda cafeeira tradicional, faz com que a apreensão e compreensão da inter-relação entre seus vários espaços e construções seja, a princípio, de difícil leitura. Na fazenda São João do Tibiriçá, por exemplo, só foi possível seu perfeito entendimento com a ajuda dos moradores e com a leitura de textos específicos sobre essa propriedade, pois há uma diversidade de tipologias (as residenciais, principalmente), muito maior do que em outras fazendas cafeeiras da época (Figura 1).

Figura 1. Implantação esquemática das edificações.



Fonte: levantamento de V. Benincasa, 2006, e desenho de M. Rosada, 2007.

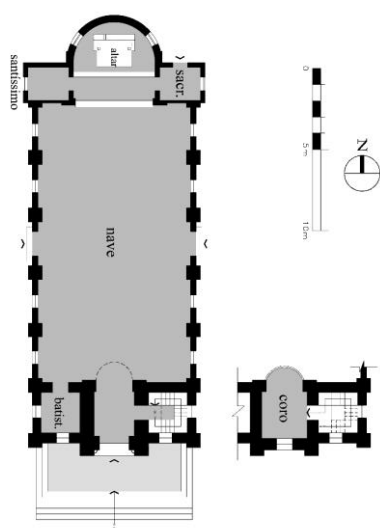
Para quem vem de Garça, a fazenda São João do Tibiriçá, ou Companhia Inglesa, como ainda hoje é chamada, é acessada através de uma estrada vicinal que leva ao município de Gália, e daí toma-se uma estrada de terra que, serpenteando, rumo ao vale do rio Tibiriçá. Após uma curva, já próximo ao rio, avista-se, à direita, a torre de uma igreja, com cobertura em agulha, sobre calotas ogivais. Pouco depois, a edificação aparece por inteiro, é a primeira do conjunto, voltada para o vale à sua frente e para o conjunto principal de edificações da fazenda, situado na encosta oposta. Trata-se da capela de São João (Figura 2), construída em estilo neogótico inglês, com o característico tijolo aparente e aberturas ogivais. À frente e à esquerda de sua fachada,

encontra-se o pátio, onde se realizavam as festas religiosas da fazenda. D. Luzia Maria Bernardino dos Santos, ex-colona, comenta:

Nossa! A Igreja da Companhia era tão bonita! Eu não perdia uma missa! Conta o povo que, quando inauguraram a Igreja, veio até Cardeal de São Paulo rezar missa! Cada pintura, de dar gosto a qualquer um, que tinha naquela igreja! Lá eu fiz a minha primeira comunhão e me crismei. Vi tanto casamento! Cada noiva linda! De vez em quando os ingleses davam até vestido de noiva! Que gostoso que era a Companhia! (UZA, 1996, p. 40).

Hoje a edificação está abandonada, embora conserve muito de sua beleza e imponência, a começar pela torre sineira, ao centro da fachada principal, mas também pelos vitrais e o excelente trabalho realizado no assentamento de tijolos, criando relevos diversos e texturas. No interior, as pinturas, mencionadas no relato acima, foram encobertas por camadas de tintas e o forro ruiu. O aspecto geral interno é desolador: vidros quebrados, portas arrancadas, sujeira para todo lado: na verdade, segundo informações obtidas na fazenda, ela só não foi ainda demolida porque não pertence à fazenda, e sim à Paróquia de Gália. No entanto, percebe-se, pelo programa, que não era uma simples capela pois, destinada a atender moradores rurais de uma ampla área, possuía tudo o que era necessário aos ritos e sacramentos católicos, como o batistério, o coro, nave ampla, presbitério com altar-mor em mármore, sacristia, e um depósito.

Figura 2. Planta e fachada da Capela de São João Batista.



Fonte: levantamento de V. Benincasa, 2006, desenho de M. Rosada, 2007, foto de V. Benincasa, 2006.

À direita da capela, logo acima de seu pátio lateral, está o prédio da antiga escola da Companhia (Figura 3), também muito presente nas recordações das pessoas que ali viveram. Segundo D. Helena Freitas de Moura, ex-professora, que ali lecionou:

Tínhamos de tudo no grupo escolar, além do prédio ser amplo e arejado, havia um bom mobiliário e todos os materiais pedagógicos necessários às lições. Quando os ingleses me procuraram em São Paulo, para que viesse lecionar em sua fazenda, não imaginava o tamanho cuidado que tinham com a educação. Na verdade, eles queriam que seus filhos pudessem ter a mesma educação que teriam se estudassem na Inglaterra, assim, fizeram de sua escola a melhor da região. Como a escola era paga, nem todos os filhos dos trabalhadores podiam frequentá-la, mas, como as mensalidades eram baixas, muitos lá estudavam. As inglesas é que lecionavam o inglês e dirigiam a escola (UZAI, 1996, p. 38).

Construída entre o final da década de 1930 e início da década de 1940, a escola da fazenda guarda semelhanças com suas contemporâneas escolas estaduais paulistas, inclusive no pequeno frontão, de gosto neocolonial. A planta é simétrica, bastante prática, constando de quatro salas de aula, salas de professores e de reuniões, diretoria, copa, banheiro. É bastante provável que numa das pequenas salas funcionasse um almoxarifado e depósito. Aos fundos dessa escola, ficava o campo de futebol.

Figura 3. Planta e vista parcial da fachada da escola.



Fonte: levantamento de V. Benincasa, 2006, desenho de M. Rosada, 2007, foto de V. Benincasa, 2006.

Do outro lado da estrada, próximo a igreja e a escola, havia uma das várias colônias de trabalhadores da Companhia, da qual restam alguns alicerces. Logo abaixo, em direção ao vale, ficavam, numa edificação única, o cineteatro e o salão de bailes da fazenda, demolidos em 2006 (Figura 4). Desse prédio, há uma foto, da década de 1990, em que já aparece bastante deteriorado. Os depoimentos, a seguir, dão uma ideia do ambiente geral desses espaços e seu funcionamento. D. Vitalina de Jesus Sampaio, ex-cozinheira dos ingleses, relembra:

Como gostava do cinema. Era tão divertido! E naquela época, eu, moça, queria ir ao cinema, mas o pai era muito bravo e não deixava... Mas eu sempre ficava na janela do meu quarto vendo os moços passarem para ver os filmes. Cada moço vistoso! E a mulherada! Todas bem vestidas, e não era chita, não! Bem penteadas! Não podia entrar lá de qualquer jeito. De vez em quando eu ia escondida do pai. E os ingleses sempre iam. Ficavam sentados lá nas fileiras da frente... As cadeiras deles eram todas forradas de veludo vermelho, que combinava com as cortinas das janelas e as da frente. E as mulheres dos ingleses! Que mulheres bem cuidadas! Tinham algumas feias, mas vestiam cada roupa! Todas de chapéu, sapato de salto... (UZAI, 1996, p. 37).

Outro depoimento, de D. Palmira Fernandes Fonseca, ex-bilheteira do teatro, corrobora o anterior:

Que riqueza que era aquele lugar! Vinha tanta gente de fora para ver as peças! E não era gente qualquer, não! Só figurões, que vinham de São Paulo, de Bauru... Veio gente até do Rio de Janeiro. O povo da Companhia preferia mais o cinema, porque era mais barato, mas sempre ia no teatro, quando podiam. É que era muito bonito mesmo! Todo mundo ia, com cada roupa! Até os artistas achavam o lugar uma maravilha! Na entrada do teatro tinha um bar muito chique. É que lá os ingleses recebiam os convidados. (UZAI, 1996, p. 39).

Figura 4. Vista parcial da fachada do salão de bailes (clube) e o cineteatro.



Fonte: Biblioteca Pública Municipal Rosemari Gattás Bernezi, Gália, década de 1990.

Todo esse núcleo de lazer fazia parte das estratégias de manutenção do bom empregado, garantindo-lhe a satisfação em trabalhar em um local diferenciado e na mais perfeita ordem. A utilização desses serviços não era gratuita, mas o preço não diferia dos praticados na cidade, sendo também utilizado por muitos moradores de Gália e Garça.

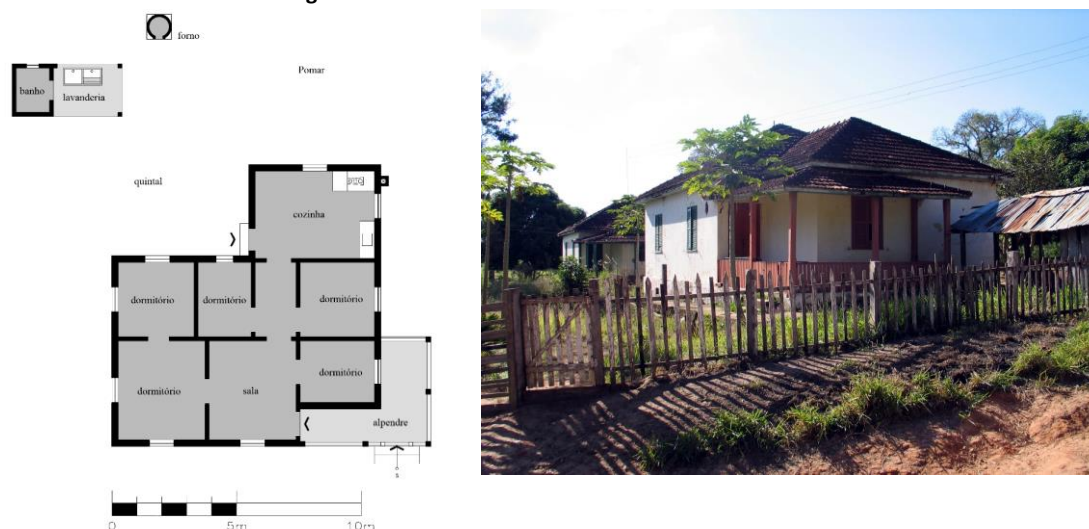
Logicamente, em contrapartida, exigia-se dos trabalhadores e seus familiares uma boa conduta individual, fosse profissional ou social, caso contrário, era necessário “dar adeus ao paraíso”.

Esse tipo de administração foi comum em muitos dos empreendimentos estrangeiros no Brasil da primeira metade do século XX, como nas ferrovias, por exemplo, e mesmo em algumas grandes indústrias nacionais, que adotavam as estratégias de grandes industriais ingleses e franceses, testadas desde o final do século XVIII, para conseguir ordenar o caos imposto pelo inchaço urbano das cidades pós-Revolução Industrial.

Outra dessas estratégias, talvez a principal, era garantir boas moradias aos empregados junto ao local de trabalho, o que ocorreu na Companhia inglesa.

Atravessando o rio, seguindo a estrada para Gália, à esquerda, está o núcleo principal da fazenda. Logo após a entrada, aparecem duas casas idênticas (Figura 5), construídas em 1932, segundo data existente na fachada. Elas devem ter servido a funcionários com certo grau de distinção, pois são muito diferentes das casas de colônia, tanto no tamanho, quanto na aparência: elas apresentam um alpendre lateral, sala, dormitórios, cozinha ampla, além de uma espécie de edícula, aos fundos, com banheiro, lavanderia e um forno à lenha. Dentre as comodidades, incluem-se, ainda: sistema de água encanada fria e quente, cujo aquecimento se dava na serpentina existente no fogão à lenha; dormitórios e sala com piso assoalhado, sobre porão baixo; janelas com guilhotinas envidraçadas na parte interna, e folhas venezianas, na parte externa; além de forro, em todos os aposentos, exceto na cozinha. Numa fazenda comum, esse tipo de casa seria destinado ao administrador, por exemplo. Ali parece ter servido a professores e ao farmacêutico.

Figura 5. Planta e vista de uma casa de funcionários.



Fonte: levantamento de V. Benincasa, 2006, desenho de M. Rosada, 2007, foto de V. Benincasa, 2006.

As casas para trabalhadores mais antigas dessa propriedade, anteriores à chegada dos ingleses, não diferem do aspecto externo daquelas existentes em outras fazendas, havendo ainda, em algumas seções, casas de madeiras, além das de alvenaria. No entanto, com os novos proprietários, passaram a contar com o abastecimento de água encanada, e por isso, eram consideradas melhores do que as de outros locais.

Algumas das casas de colônia possuíam elementos incomuns em construções desse tipo (Figura 6), que as valorizavam, como alpendres frontais e janelas com folhas venezianas externas e guilhotinas envidraçadas internas. Foram construídas já sob a gestão dos ingleses. Esses pequenos cuidados explicam o porquê da admiração por parte de seus ex-empregados. Eram casas que já atendiam a padrões higienistas mínimos e possuíam alguns equipamentos de conforto que as diferenciavam, tornando melhor a vida de seus ocupantes.

O centro comercial da fazenda ficava pouco acima da entrada do núcleo principal e era composto por farmácia, padaria, açougue, loja de tecido e de roupas e o armazém, onde se podia comprar várias coisas, como alimentos, fumo, utensílios domésticos, material escolar, até brinquedos. Com o lazer e o comércio básico no local, poucas eram as atividades cotidianas feitas fora dos domínios da Companhia. Segundo o Sr. José Henrique da Sila, ex-colono:

Aí, quando era sábado, ou senão à noite, durante os dias de semana, a gente ia fazer compras nas lojas da fazenda. A gente comprava calçado, comprava carne fresca, carne de sol... Na padaria, a gente pegava pão, doce e, até vinho. Era uma festa fazer compras. A gente tomava sorvete de bola. Bebia tubaína geladinha. É, aquela fazenda era boa mesmo! Nem parecia fazenda. Era melhor que cidade (UZAI, 1996, p. 39).

Nas proximidades se localizavam várias outras edificações: o almoxarifado central, a casa de torrefação de café, a bomba de combustível, abrigo para tratores e caminhões, a casa de farinha, o alambique, a balança, as oficinas mecânicas, as tulhas, a grande casa de máquinas, os terreiros, os lavadores, o despoldador, a casa de expurgo, pocilga, estábulos, cocheiras, currais, a fábrica de seda. Quase todas essas edificações foram demolidas e seu material vendido. Nas poucas restantes, se percebe o cuidado na construção, embora com arquitetura muito simples, sem ornamentos, construídas sobre embasamento de pedra e alvenaria de tijolos. Dessas restantes, algumas possuem, também, paredes de madeira, como o alambique, a casa de máquinas e a serraria.

Entre as moradias ainda existentes, o destaque fica por conta das habitações que se destinavam aos ingleses com funções específicas, e importantes, dentro da hierarquia da Companhia. A primeira delas, era a do encarregado geral e sua família. Este era o cargo graduado logo acima dos empregados gerais. Talvez por isso, sua residência está situada próxima ao almoxarifado central e à casa de torrefação.

Figura 6. Colônia construída em 1925, já demolida. Muitas casas possuíam alpendres, e todas, água encanada, elementos diferenciadores de colônias de outras fazendas, o que era um orgulho a seus moradores.



Fonte: Biblioteca Pública Municipal Rosemari Gattás Bernezi, Gália, década de 1990.

No terreno situado pouco acima, estão outras duas moradias, a do agrônomo da fazenda e a do administrador, além do escritório. Todas essas construções ficam numa mesma rua, agrupadas uma ao lado da outra. Na frente dos terreiros (Figura 7), situa-se a casa do fiscal e, um pouco acima, ligeiramente afastada e dominando o conjunto, em terreno que foi delimitado por cerca de madeira, está a grande e confortável moradia destinada ao diretor geral da Companhia.

Figura 7. Aspecto parcial de terreiros, tulhas e casa de máquinas, vistos do escritório. Notar as paredes de madeira, a cobertura com folhas de zinco, e os lanternins para ventilação. À direita, a passarela com trilhos para vagonetas. A edificação foi demolida, e os terreiros se encontram em ruínas.



Fonte: Biblioteca Pública Municipal Rosemari Gattás Bernezi, Gália, década de 1990.

Figura 8. Aspecto parcial da casa principal.



Fonte: V. Benincasa, 2006.

Figura 9. Fachada da casa do agrônomo.

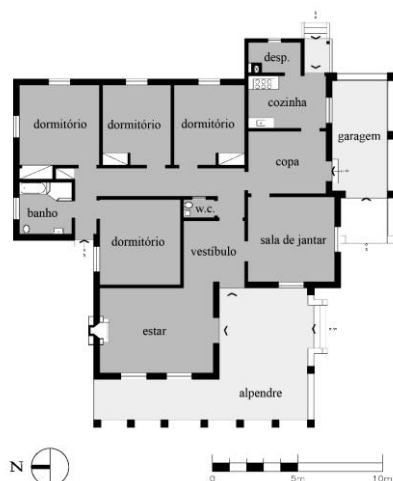


Fonte: V. Benincasa, 2006.

Todas essas edificações foram construídas entre os últimos anos da década de 1930 e os primeiros da década de 1940, conforme as datas que aparecem nas fachadas. Tanto as moradias, como o escritório (Figura 13), são edificações bastante confortáveis e amplas, trazendo em si, elementos que as diferenciavam, simbolicamente, das demais existentes no conjunto, deixando muito clara a hierarquia existente, evidenciada tanto no tamanho, quanto no tipo de

acabamento empregado. Elas seguem as normas do higienismo e possuem o que havia de mais moderno para o conforto, como luz elétrica, água encanada (quente e fria), sistema de esgoto, banheiros equipados com banheiras, cozinhas equipadas com pias e fogões à lenha que, em algumas casas, eram do tipo econômico, industrializados (casa do fiscal, figura 10) e em outras, como na casa do encarregado (Figura 11), do administrador (Figura 12), do agrônomo (Figura 9), os tradicionais fogões à lenha “caipiras”, comuns no interior paulista. Infelizmente, não foi possível visitar o interior da casa principal (Figura 8). Todas as áreas molhadas possuíam paredes revestidas com azulejos à meia altura.

Figura 10. Planta da casa do fiscal.



Fonte: levantamento de V. Benincasa, 2006, desenho de M. Rosada, 2007, foto de V. Benincasa, 2006.

Figura 11. Planta e fachada da casa do encarregado geral.



Fonte: levantamento de V. Benincasa, 2006, desenho de M. Rosada, 2007, foto de V. Benincasa, 2006.

Figura 12. Planta e fachada da casa do administrador geral.



Fonte: levantamento de V. Benincasa, 2006, desenho de M. Rosada, 2007, foto de V. Benincasa, 2006.

Figura 13. Planta e fachada do escritório.



Fonte: levantamento de V. Benincasa, 2006, desenho de M. Rosada, 2007, foto de V. Benincasa, 2006.

Todas possuem um bom acabamento, tendo sido construídas sobre porões, com embasamento de pedras e alvenaria de tijolos, e cobertura de telhas francesas. As janelas são de madeira, com guilhotinas envidraçadas internas e folhas venezianas externas, o que poderia garantir uma ventilação opcional, mesmo se fechadas. Há também, nas áreas molhadas, esquadrias metálicas basculantes envidraçadas. Os pisos de dormitórios e salas são assoalhados, e os forros, de madeira; nas áreas molhadas, o piso é revestido por ladrilhos hidráulicos, com seus tradicionais desenhos em mosaicos, ainda muito utilizados na década de 1940.

O programa dessas habitações de funcionários apresenta algumas singularidades, como a inclusão de garagens para automóveis, junto ao corpo da casa, e a presença de banheiros ao centro das plantas, com ventilação e iluminação zenitais, por exemplo – soluções impensáveis numa casa paulista rural da época.

As zonas de aposentos são bem definidas: ala social; ala de serviços; e uma bem delimitada zona íntima, percorrida sempre por um corredor central. Armários embutidos aparecem em corredores e nos dormitórios, uma praticidade que, se não era novidade na arquitetura rural brasileira, também não chegava a se constituir num elemento corriqueiro.

O escritório central, situado junto à casa do administrador geral, possui planta em “U”, sendo bastante extenso o seu programa. A partir do alpendre fronteiro, aparecem, sucessivamente: recepção, sala de diretoria, sala de reuniões, contabilidade, arquivo, depósito, copa, banheiros. O acabamento geral segue o das residências, seja nas salas e nas áreas molhadas. Há inclusive um banheiro ao fundo, voltado para o pátio interno do “U”, em que os funcionários podiam se lavar ou mesmo banhar-se depois de visitas às plantações.

Um detalhe curioso é a presença de lareira nas salas de estar de todas as casas e, também, na sala da diretoria no escritório central, uma evidente imposição da tradição inglesa, inexistente nas demais propriedades da região. Essa peculiaridade, entre outras, como as altas chaminés, a já citada existência de armários embutidos em dormitórios e em outros cômodos, e o bom acabamento geral, nos levam a pensar que essas edificações tenham sido projetadas por profissionais, talvez mesmo, ingleses. São edificações cujas plantas possuem certa movimentação, o que resultou em telhados em várias águas, nos quais sobressaem as já mencionadas altas chaminés de lareiras e fogões internos, dando-lhes o aspecto característico de edificações de países frios, seguindo a inclinação ideal à telha francesa (entre 30 e 45%).

O jogo de águas das coberturas é, ainda, ressaltado pelos alpendres - às vezes, mais de um numa mesma edificação - cujo telhado é sempre independente da cobertura principal. A aparência externa está vinculada à arquitetura dos bangalôs térreos já difundidos no Brasil, principalmente, pelos ingleses das companhias férreas, e popularizados pela Companhia City, também inglesa, que fez vários empreendimentos de loteamentos em São Paulo, além de projetar e construir muitas residências com essa tipologia.

Todas as edificações eram cercadas por jardins de padrão inglês, pomares e hortas muito bem cuidados, hoje não mais existentes.

CONCLUSÃO

A antiga Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, ou simplesmente Companhia Inglesa, evidentemente, é um caso de exceção, pois, além de estar diretamente associada, como dissemos anteriormente, ao capital estrangeiro, teve uma forma de administração bastante diferenciada, que durou enquanto os ingleses estiveram presentes, entre 1927 e 1954. Nesse ano, após a promulgação de uma lei do Governo Vargas que restringia a remessa de lucros ao exterior de empresas de capital estrangeiro, além das crises sucessivas da cafeicultura, a Companhia acabou vendida ao grupo Moreira Salles. Dois anos, após, o grupo decidiu vendê-la à Companhia Agrícola, Imobiliária e Colonizadora (CAIC), que a loteou e vendeu em partes, dela surgindo vários sítios, chácaras e as atuais fazendas Ipiranga, Ipiranguinha, São Pedro, Água

Limpa, Fio de Ouro e a própria São João do Tibiriçá, que ficou com as edificações do conjunto. Era o final da aventura da *Brasil Warrant* em terras galienses. Como relembra o Sr. Carvalho:

Todos os funcionários foram demitidos, com todos os direitos trabalhistas rigorosamente cumpridos [pela CAIC]. E todos começaram a procurar uma alternativa para suas vidas. Diariamente, partiam caminhões com as mudanças. Um tempo se encerrava e outro começava. Hoje, a Fazenda só existe na memória dos que lá viveram, e já são tão poucos. Fica esta memória (CARVALHO, 2016).

O conjunto arquitetônico remanescente é um bem de interesse histórico regional, com potencialidades enormes de exploração educacional e econômica, por sua relevância enquanto espaço formador de memórias e de grandes narrativas, e, por isso, criador de uma identidade coletiva (MATHEUS, 2011, p. 304). Além disso, possui arquitetura ímpar no âmbito da cafeicultura paulista, que desperta a atenção dos que o visitam, que não são poucos - basta ver as inúmeras inserções de fotos, comentários e mesmo depoimentos, sobre a “Companhia Inglesa de Gália” na internet.

Por todas suas peculiaridades, constituiu-se num dos casos mais interessantes, não só em termos de arquitetura, mas também em aspectos históricos, sociológicos e culturais da cafeicultura paulista, e mereceria ser mais conhecido, além de já ter despertado, por sua importância, as atenções de órgãos de preservação do patrimônio histórico estadual e federal.

Agradecimentos

À FAPESP, pelo financiamento da pesquisa através do Proc. 02/13572-8. Aos moradores e proprietários da Fazenda, que deram informações e possibilitaram o levantamento métrico e fotográfico, e ao pessoal da Biblioteca Pública Municipal Rosemari Gattás Bernezi, de Gália (SP), pela gentileza em nos fornecer dados e imagens.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Hamilton. Companhia Inglesa. Memórias da Fazenda São João (1944-1954). *Piramba-MTB*, blog, 05 mai 2016. Disponível em: <https://pirambamtb.com/2016/06/05/companhia-inglesa-memorias-da-fazenda-sao-joao-19441954-por-hamilton-carvalho/>. Acesso: 05 mar 2020.

MATHEUS, Letícia Cantarela. Memória e identidade segundo Candau. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 22, p. 302-306, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/6737/6073>. Acesso em: 26 jun. 2019.

MATOS, Odilon de Nogueira. *Café e ferrovias*. A evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. Campinas: Pontes, 1990.

MILLIET, Sérgio. *Roteiro do café e outros ensaios*. São Paulo: Hucitec, 1982.

UZAI, Marcelo Nivaldo. **O fascínio de um sonho inglês nos trópicos**. Marília: FFC-Unesp (monografia de bacharelado), 1996.